

O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA

Arnaldo Lemos Filho

Após estudar as ciências humanas, no primeiro capítulo, vamos ver, agora, como que surgiu a ciência da sociedade, denominada Sociologia. O nosso raciocínio é o seguinte: se a Sociologia é uma ciência e se ciência é conhecimento, sabendo que todo conhecimento é um produto histórico, concluímos que a Sociologia é um produto histórico. O objetivo deste capítulo é saber como que, em um determinado momento histórico, surgiu a Sociologia, ou seja, queremos saber quais os fatores históricos que propiciaram o nascimento da ciência da sociedade.

É costume dizer que a Sociologia é a “ciência da crise” (Tomazi, 1993). Não sendo obra de um único pensador, mas o resultado de circunstâncias históricas e contribuições intelectuais (Martins, 1984), ela surge, no contexto do conhecimento científico, como um corpo de ideias que se preocupou e ainda se preocupa, com o processo de formação e desenvolvimento do sistema capitalista. Como vemos, sua origem mescla-se com os progressos sociais e econômicos que há muito vinham se constituindo na Europa, no campo da ciência e da tecnologia, da organização política, dos meios e processos de trabalho, das formas de propriedade da terra e dos instrumentos de produção, da distribuição do poder e da riqueza entre as classes, das tendências à secularização e racionalização que se mostravam em todas as áreas das atividades humanas (Quintanero, 1999).

No capítulo anterior, analisamos a evolução do conhecimento da sociedade, desde a Pré-história, com o mito, passando pela Idade Antiga, com a filosofia, a Idade Média com a teologia e chegando na Idade Moderna com Revolução Científica e o aparecimento das ciências humanas.

Vamos fazer agora um corte histórico: século XVIII. Este século foi palco de duas grandes revoluções: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. As transformações ocorridas, na estrutura econômica com a Revolução Industrial (1750) e na estrutura política com a Revolução Francesa (1789), trouxeram crises e desordens na organização da sociedade, o que levou alguns pensadores a concentrar suas reflexões sobre as suas consequências.

A Revolução Industrial trouxe a desagregação da sociedade feudal e a consolidação da sociedade capitalista, com mudanças na ordem tecnológica, econômica e social, criando um novo modo de produção e novas relações de produção. Por um lado, houve o aparecimento de uma nova camada social, o operariado, o fortalecimento de associações e sindicatos, levando à formação de uma consciência de classe. De outro lado, o fluxo migratório para as cidades industriais, o inchaço urbano, a miséria, a mendicância, a prostituição, o alcoolismo, a promiscuidade e as epidemias.

A Revolução Francesa também destruiu os fundamentos da sociedade feudal. Significou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza. Trouxe o poder político à burguesia, promoveu profundas inovações na vida social. Estabeleceu as bases de uma sociedade burguesa e capitalista. Mas, junto com a Revolução Industrial, trouxe crises e desordens na organização da sociedade.

A necessidade de buscar soluções para as crises e desordens, fez surgir o Positivismo, a primeira forma de pensamento social (Costa, 1997).

A evolução acelerada dos métodos de pesquisa nas ciências naturais, que ocorria no século XIX, atraiu alguns pensadores para a lógica dos procedimentos de investigação destas ciências. Preocupados em encontrar “remédios” para as crises sociais do momento, os positivistas queriam explicar os problemas sociais que ocorriam e chegaram à conclusão de que os fenômenos sociais, como os físicos, estavam sujeitos a leis rigorosas. Os fenômenos sociais podiam ser classificados e medidos e, daí, seria possível a utilização do método das ciências naturais para restaurar a ordem perdida com as revoluções do século XVIII.

Desse modo, a sociedade veio a ser concebida, por eles, como um organismo combinado de partes integradas e coesas que funcionava harmonicamente, conforme um modelo físico ou mecânico de organização. Daí o Positivismo ser chamado também de organicismo e de darwinismo social, ou seja, a crença científica de que as sociedades mudariam e evoluiriam segundo padrões históricos permanentes.

Esta concepção cientificista do Positivismo é o fundamento teórico e ideológico para o que se defendia, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX: a superioridade cultural europeia sobre outros povos e culturas. Esta tese serviu como justificativa ideológica aos propósitos políticos e econômicos das

potências europeias em sua fase de expansão neocolonialista sobre os continentes africano e asiático (Costa, 1997).

Segundo Lowi (1975) são três as ideias básicas do Positivismo. Em primeiro lugar, a sociedade é regulada por leis semelhantes às leis da natureza, isto é, leis invariáveis e independentes da vontade humana. Por isso, deve haver na sociedade uma ordem natural tal como a ordem na natureza. Em segundo lugar, os métodos e procedimentos para conhecer a sociedade são exatamente os mesmos que são utilizados para conhecer a natureza. Em terceiro lugar, da mesma maneira que as ciências da natureza são ciências neutras, objetivas, livres de ideologias, de juízo de valor, as ciências sociais devem funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica.

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DE SAINT-SIMON

Um dos precursores do positivismo foi Saint-Simon (1760-1825) que preconizava a transferência de todo o poder da sociedade para as mãos dos cientistas e industriais com o objetivo de restaurar a ordem social.

Vivenciando a sociedade francesa pós-revolucionária que se encontrava em estado de desorganização geral, acreditava que o industrialismo trazia consigo a possibilidade de satisfazer as necessidades da população e que a ordem e a paz, na nova sociedade, poderiam ser propiciadas pelo progresso econômico.

Seu argumento era muito simples: havia ordem na Idade Média porque havia uma elite, constituída pelos sacerdotes que elaboravam as normas e pelos senhores feudais que as faziam cumprir. Para que houvesse ordem na Idade Moderna era preciso a formação de uma nova elite, constituída pelos cientistas que elaborassem as normas e pelos industriais que as impusessem. Caberia, pois, à ciência desempenhar o mesmo papel que a religião desempenhou no passado e a racionalidade econômica burguesa suplantar a dominação política da nobreza, possibilitando a eliminação definitiva do feudalismo. A elite, portanto, formada pelos industriais e cientistas, deveria fornecer melhores condições de vida à classe trabalhadora e elaborar normas de comportamento para atenuar os conflitos existentes entre as classes.

Saint-Simon apontava, pois, a necessidade de uma ciência que, tendo como objeto a sociedade, utilizasse os mesmos métodos das ciências naturais e buscasse leis sobre o progresso para refrear os ímpetos revolucionários das classes trabalhadoras.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DE AUGUSTO COMTE

Foi com Augusto Comte (1798-1857), discípulo e secretário particular de Saint-Simon, que a Sociologia começou a se delinear como ciência.

2.2.1 Vida e obras

Nascido no final do século XVIII, viveu toda a primeira metade do século XIX, período de crises e desordens sociais, consequências das desestruturas política e econômica provocadas pelas revoluções.

Aos 15 anos, ingressou na Escola Politécnica de Paris, fundada pelos revolucionários, em 1794, com o objetivo de formar a juventude com mentalidade científica e não religiosa. Com a restauração da monarquia em 1816, Comte envolveu-se em vários acidentes com o novo governo e foi expulso da escola. Não se relacionando muito bem com a família, viveu solitário, estudando e lendo os "ideólogos", os teóricos da economia política, os historiadores e filósofos. Um dos pontos principais do seu pensamento partiu da obra de Turgot, *Plano de dois cursos sobre a história universal* (1751), que foi a base da sua lei dos três estados.

O estado de anarquia intelectual e política, que sucedeu à Revolução Francesa impressionou profundamente o jovem Comte. Com o desenvolvimento das ciências naturais, o pensamento do século XX não se preocupava em procurar o porquê das coisas e em indagar-lhes a sua essência.

A palavra de ordem era desprezar a inacessível determinação das causas, dando preferência à procura das leis, isto é das relações constantes que existem entre os fenômenos. Substituiu-se o método "a priori" pelo método "a posteriori". Em suma, observava-se por toda parte o mecanismo do mundo (Ribeiro Jr., 2003, p. 121).

Em 1818, Comte tornou-se secretário particular de Saint-Simon, do qual assimilou as ideias principais, ou seja, a necessidade de se criar uma nova ciência para restaurar a ordem social. Começou a escrever e desenvolver, junto com Saint-Simon, discussões sobre a industrialização, o capitalismo e o trabalho. Aos poucos, suas ideias foram se tornando independentes levando a uma ruptura, quando, em 1824, escreveu *Plano de trabalhos científicos necessários para organizar a sociedade*, obra em que já propunha a necessidade da constituição de uma "física social" como fundamento da política positiva.

De 1830 a 1842, publicou a sua grande obra: *Curso de filosofia positiva*, em seis volumes. Para ele, o método positivo conduz a ciência como estudo dos fatos e suas relações, fatos que só são percebidos pelos sentidos exteriores. Por isso, pode-

-se dizer que o Positivismo é um dogmatismo físico porque afirma a objetividade do mundo físico e um ceticismo metafísico porque não quer se pronunciar acerca da existência da natureza dos objetivos metafísicos (Ribeiro Jr., 2003).

Em 1844, publicou *Discurso sobre o espírito positivo*, em que procurou explicar o conceito de positivo, como o real frente ao quimérico, o certo frente ao incerto, o relativo frente ao absoluto.

No mesmo ano, depois de se separar de sua esposa, conheceu Clotilde de Vaux, pela qual teve uma paixão romântica, causando uma mudança em sua personalidade: deixa de ser um amargurado solitário e transforma-se em um homem apaixonado, mas Clotilde não permitiu que suas relações com ele ultrapassassem os limites de uma grande amizade. A morte de Clotilde, em 1846, modificou profundamente o seu pensamento, iniciando-se um novo período em sua vida. Propôs-se a desenvolver um programa de reforma social, construindo uma moral sem Deus, tendo como fundamento, a própria humanidade. Em 1847, fundou a Religião da Humanidade, proclamando-se sumo sacerdote e afirmando que "a grande concepção da humanidade elimina irrevogavelmente a concepção de Deus".

De 1851 a 1854, publicou *Sistema de política positiva ou tratado de sociologia*, instituindo a religião da humanidade. Publicou, ainda, em 1852, o *Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal*.

2.2. Ideias principais

A base da sociologia de Comte é não só o consenso, isto é, a tentativa de se explicar um fenômeno social dentro de um contexto, assim como a biologia explica um órgão e suas funções dentro de um organismo, como também o progresso dos conhecimentos, isto é, a necessidade de o homem agir segundo os conhecimentos de que dispõe, pois as suas relações com o mundo e com os outros homens dependem do que ele conhece da natureza e da sociedade. A partir destes princípios, Comte elaborou uma lei, a lei dos três estados (a), faz uma classificação das ciências até chegar à Sociologia (b), que antes denominara Física Social, analisa a sociedade industrial (c) e, no final de sua vida, chega à conclusão da necessidade de uma nova religião (d). Sua influência foi relevante, no Brasil, no final do século XIX (e).

a) A lei dos três estados

É uma lei histórica que Comte diz ter descoberto e que nos fornece a chave de seu pensamento. De acordo com essa lei, o progresso dos conhecimentos humanos se realiza através de três estados ou estágios.

1. **Estado Teológico** – no qual o homem explica as coisas, atribuindo, aos seres, forças sobrenaturais. Quando é às coisas que o homem empresta

vida e ação, o pensamento se diz "fetichista", fase inicial do estado teológico. Depois o homem confere determinados traços da natureza humana (virtudes, vícios) a potências sobrenaturais e, então, surgem, sucessivamente, o politeísmo e o monoteísmo.

2. **Estado Metafísico** – caracterizado pelo recurso a entidades abstratas, a ideias às quais se acredita poder explicar a natureza das coisas e a causa dos acontecimentos.
3. **Estado Positivo** – no qual o homem procura, através da observação e do raciocínio, aprender as relações necessárias entre as coisas e os acontecimentos e quer explicá-las pela formulação de leis. Este estado diferencia-se totalmente dos dois precedentes, antes de tudo, porque o homem se torna mais modesto e renuncia a conhecer a natureza íntima das coisas, as causas primeiras e últimas. Aos olhos de Comte, o estado positivo é o estado superior a que cada homem, cada ciência e a humanidade inteira acabarão por atingir.

b) Classificação das ciências

A sucessão dos três estados se verifica na história das ciências, pois a evolução delas mostra-nos como cada uma alcançou a maturidade, libertando-se progressivamente das condições teológicas e metafísicas para se tornar positiva. Comte concebe o sistema das ciências como uma progressão que vai dos conhecimentos mais abstratos e mais simples (matemática e astronomia) aos conhecimentos mais complexos e mais concretos (biologia e sociologia). Cada ciência tem um domínio próprio e, tanto do ponto de vista da simplicidade como da complexidade, distingue-se da que a precedeu tanto quanto da que a sucede. Mas só a sociologia é a única em condição de explicar a maneira como se constituíram as ciências que nasceram antes dela e das quais ela é o coroamento.

A sociologia tem, portanto, uma dupla vocação: contribuir para o progresso dos conhecimentos, completando o quadro das ciências positivas e favorecer a passagem definitiva da sociedade e de toda a humanidade ao estado positivo. Cabe a ela acabar com o estado atual de anarquia social, assegurando à história humana uma direção fundada na ficção e na imaginação, características dos estados teológico e metafísico, mas em um conhecimento científico das leis sociais, na previsão e numa ação eficaz (Rocher, 1970).

c) A sociedade industrial

Comte foi o primeiro sociólogo a analisar em profundidade a sociedade industrial. Esta não lhe surgiu como uma sociedade burguesa ou capitalista, como diziam os socialistas, mas a sociedade em que predominava a mentalidade científica,

quando o progresso do pensamento positivo destruirá o pensamento teológico e metafísico. Nesta sociedade, dois novos grupos de pessoas chegarão ao poder: os industriais e os seus engenheiros que organizarão e gerirão a indústria e o trabalho e os cientistas, principalmente os sociólogos, que herdarão o poder político e a quem será confiada a organização da sociedade. Tal como Saint-Simon, Comte admitia que a sociedade industrial, que corresponde ao estado positivo, necessitava passar por algumas mudanças. Estas mudanças seriam comandadas pelos industriais e cientistas, para que o progresso pudesse aquecer de uma forma gradual, como consequência da ordem instalada. Há, pois, dois movimentos vitais na sociedade: um estático, que representa a conservação e a preservação dos elementos governantes de toda organização social, tais como, a religião, a família, a propriedade, a linguagem, o direito, e outro dinâmico, que representa a passagem para formas mais complexas de existência, como a industrialização. Privilegia-se o estático sobre o dinâmico, a conservação sobre a mudança, a ordem sobre o progresso.

d) Uma nova religião

A sociedade industrial sofrerá, no início, um período de perturbação social. Com o progresso técnico e graças a uma melhor organização do trabalho e da sociedade, os conflitos sociais se extinguirão. Mas são, sobretudo, a ignorância e a ausência de moral social que estão na origem dos conflitos atuais. Instruídas nas ciências positivas, as massas compreenderão e aceitarão as exigências da vida social. As ciências positivas e, sobretudo a sociologia, deverá, pois, suscitar uma nova moral, baseada não em Deus, mas na própria sociedade. No fim de sua vida, Comte chegou à conclusão de que a moral necessitava de um apoio religioso. Fundou uma nova religião, sem Deus, exclusivamente laica, fundada sobre o culto à humanidade (Rocher, 1970).

e) Comte e o Brasil

As ideias de Comte ganharam, no Brasil, realidade prática no embate político-ideológico que marcou o nascimento da República (Sega, 2004). Os jovens da elite brasileira estudaram na Europa, sobretudo na França, onde foram influenciados pelas ideias positivistas. Mas foi principalmente na área militar que as influências foram maiores. A Escola Militar do Rio de Janeiro, onde se formavam os oficiais brasileiros, era uma cópia da Escola Militar da Francesa, era dominada pelos positivistas. Quando da proclamação da República, os professores da Escola Militar, Benjamim Constant, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, colocaram na bandeira brasileira, os dois lemas do positivismo: ordem e progresso.

A religião positivista também teve presença na realidade brasileira, existindo, até hoje, um templo no Rio de Janeiro.

QUESTÕES

01. O que vem a ser Positivismo? Contextualize-o.
02. Qual a importância do pensamento de Saint-Simon como precursor da Sociologia?
03. Explique a lei dos três estados de Augusto Comte.
04. Como Comte, por meio da classificação das ciências, chega à Sociologia?
05. Como Comte analisa a sociedade industrial?
06. Explique como Comte viu a necessidade de uma nova religião.
07. Qual a influência do pensamento de Comte no Brasil?

TEXTOS COMPLEMENTARES

I. A Revolução Industrial e a nova ordem social

A Revolução Industrial, realmente, é o marco de uma nova era da história da humanidade, pois deu início a uma etapa de acumulação crescente de população, bens e serviços, em caráter permanente e sistemático sem precedente. É inseparável do desenvolvimento por ser, fundamentalmente, uma revolução produtiva: uma revolução na capacidade de produção e de acumulação do homem.

Não se trata, apenas, do crescimento da atividade fabril. A Revolução Industrial é fenômeno muito mais amplo, constitui uma autêntica revolução social que se manifesta por transformações profundas da estrutura institucional, cultural, política e social.

A excepcional expansão experimentada pelas economias industriais, a partir da segunda metade do século XIX, tem seus antecedentes mais próximos no período de gestação e triunfo da Revolução Industrial que pode ser fixado, arbitrariamente, nos cem anos que vão dos meados do século XVIII até igual período do século XIX.

Um dos elementos essenciais na gestação das condições que possibilitaram a Revolução Industrial foi a acumulação de recursos financeiros proporcionada pela intensificação do comércio internacional e pela política mercantilista inglesa de épocas anteriores. O enriquecimento e o fortalecimento dos grandes comerciantes e das empresas mercantis significou o advento de novo talento empresarial e de importantes recursos de capital na atividade manufatureira e na agricultura.

O capitalista comercial, originado na fase mercantilista anterior, foi levado a introduzir modificações substanciais na atividade manufatureira, ainda de natureza artesanal, doméstica e marcadamente rural: o capitalista-comerciante reorganiza o trabalho individual ou familiar que prevalecia nas oficinas (os Workshops), onde reúne grupo importante de artesãos a que fornece matéria prima, energia mecânica, local de trabalho e organização de vendas.

Do ponto de vista da estrutura produtora, a Revolução Industrial acelerou a profunda transformação da atividade agrícola, principalmente pela introdução de novas técnicas que intensificaram o uso do solo e incorporaram novos recursos naturais ao cultivo. Como consequência, a produtividade inglesa aumentou substancialmente entre meados do século XVII e fins do século XVIII.

A Revolução Industrial traduz, também, em profunda transformação da estrutura da sociedade. Por exemplo, na reordenação da sociedade rural, com a destruição sistemática da servidão e da organização rural, centralizada na vila e na aldeia camponesa e a conseqüente emigração da população rural para os centros urbanos. A transmutação da atividade rural em manufatureira e, por último, em atividade fabril, deu margem, também, a profundas reformas que conduziram à criação do proletário urbano e do empresário capitalista: o primeiro, assalariado e sem acesso aos meios de produção; o segundo, com a função precípua de organizar a atividade produtiva na empresa.

A Revolução Industrial implicou, por isso mesmo, o fortalecimento e a ampliação de uma nova classe social que vinha sendo configurada em períodos anteriores sobre a base da atividade comercial e financeira; classe esta que passou a exercer consideravelmente influência na criação das condições institucionais e jurídicas indispensáveis ao seu próprio fortalecimento e expansão.

A Revolução Francesa é o fenômeno histórico que reflete com mais perfeição as aspirações e exigências da nova classe burguesa em consolidação. De fato, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial que ocorre paralelamente na Inglaterra, constituem as duas faces de um mesmo processo: a consolidação do regime.

(Sunkel apud Castro, 2001, p. 65)

II. O Positivismo

[...] Se se tentasse formular o que seria o tipo ideal do positivismo, uma espécie de síntese fundamental das idéias do positivismo, poderiam ser selecionadas três idéias principais:

A sua hipótese fundamental é de que a sociedade humana é regulada por leis naturais, ou por leis que têm todas as características das leis naturais, invariáveis, independentes da vontade e da ação humana, tal como a lei da gravidade ou do movimento da terra em torno do sol: pode-se até procurar criar uma ação que bloqueie a lei da gravidade, mas isso se faz partindo de que essa lei é totalmente objetiva, independente da vontade e da ação humana. Desse modo, a pressuposição fundamental do positivismo é de que essas leis, que regulam o funcionamento da vida social, econômica e política, são do mesmo tipo que as leis naturais e, portanto, o que reina a sociedade é uma harmonia semelhante à da natureza, uma espécie de harmonia natural.

Dessa primeira hipótese decorre uma conclusão epistemológica, de que os métodos e procedimentos para conhecer a sociedade são exatamente os mesmos que são utilizados para conhecer a natureza, portanto, a metodologia das ciências sociais tem que ser idêntica à metodologia das ciências naturais, posto que o funcionamento da sociedade é regido por leis do mesmo tipo das da natureza. Essa segunda conclusão epistemológica, que eu chamaria de naturalismo positivista, decorre de maneira totalmente lógica da primeira: se a sociedade é regida por leis de tipo natural, a ciência que estuda essas leis naturais da sociedade é do mesmo tipo que a ciência que estuda as leis da astronomia, da biologia, etc.

A terceira conclusão, que é talvez a mais importante para a nossa discussão, é de que da mesma maneira que as ciências da natureza são ciências objetivas, neutras, livres de juízos

de valor, de ideologias políticas, sociais ou outras, as ciências sociais devem funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica. Isto é, o cientista social deve estudar a sociedade com o mesmo espírito objetivo, neutro, livre de juízo de valor, livre de quaisquer ideologias ou visões de mundo, exatamente da mesma maneira que o físico, o químico, o astrônomo, etc. Esta é talvez a conclusão mais importante para o nosso debate sobre a relação entre ideologia-utopia e conhecimento social. Significa que a concepção positivista é aquela que afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo. Todo esse conjunto de elementos ideológicos, em seu sentido amplo, deve ser eliminado da ciência social. O positivismo geralmente designa esse conjunto de valores ou de opções ideológicas como prejuízos, preconceitos ou pré-noções. A idéia fundamental do método positivista é de que a ciência só pode ser objetiva e verdadeira na medida em que eliminar totalmente qualquer interferência desses preconceitos ou prenoções".

(Lowi, 1975)

ATIVIDADES

I. Leituras recomendadas

-  HUBERMAN, L. *A história da riqueza do homem*. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999.
A leitura do capítulo 13 (A velha ordem mudou) sobre a Revolução Francesa e do capítulo 16 (A semente que semeais outro colhe) sobre a Revolução Industrial é importante para entender os acontecimentos do século XVIII.
-  MARTINS, C. R. *O que é sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Os primeiros Passos)
A leitura do primeiro capítulo: O surgimento da Sociologia

II. Filmes recomendados

Germinal

Título original: Germinal
País/ano: FRA - 1993
Direção: Claude Berri
Elenco: Gérard Depardieu, Miou-Miou
Duração: 132 min.

Etienne Lantier, um jovem desempregado que se torna mineiro, enfrenta uma verdadeira descida ao inferno. Em Montsou, ele descobre a miséria e o alcoolismo, descobre também crápulas como Cheval ou homens generosos como Toussaint (Gerard Depardieu):

uma humanidade inteira em estado de luta e sofrimento. Etienne se engaja no combate contra direção das minas. Os salários caem mais ainda e uma greve se inicia. Em meio a uma confusão sórdida, ele encontra o amor de Catherine.

📺 Danton – o processo da revolução

Título original: Danton

Pais/ano: França/Polônia, 1982

Direção: Andrzej Wajda

Gênero: Drama

Duração: 130 minutos

Quatro anos após a Revolução, a situação econômica da França é um desastre. Cada cidadão é um suspeito em potencial. As cabeças rolam com a guilhotina. O povo está com fome e medo. Os mesmos revolucionários, que tinham proclamado a Declaração dos Direitos do Homem, implantam o Reino do Terror. Danton e Robespierre. Enquanto o primeiro tem o apoio do povo, o segundo tem o poder. O embate entre os dois líderes dá início a um complexo processo político.

📺 Daens, Um Grito de Justiça

Diretor: Stijn Coninx

Autores (roteiristas): Louis Paul Boon e François Chevallier

Elenco: Jan Decler (Adolf Daens), Gérard Desarthe (Charles Woeste), Antje de Boeck (Nette Scholliers), Michael Pas (Jan De Meeter), Karel Baetens (Jefke).

O cenário do filme é a cidade belga de Aalst no final do séc. XI, para a qual o Padre Daens é designado e onde se depara com todas as agruras da Revolução Industrial europeia, como o trabalho infantil, sem quaisquer medidas de higiene e segurança e com uma jornada extenuante. A morte de uma criança, durante o seu horário de trabalho, e outras situações relacionadas às referidas condições de trabalho levam o padre a buscar soluções, inclusive ingressando na política. Destaque no filme para as nítidas referências à doutrina social da Igreja da Rerum Novarum de Leão XIII.

📺 Os Companheiros

Diretor(es): Mario Monicelli

Roteirista(s): Age, Mario Monicelli, Scarpelli

Elenco: Marcello Mastroianni, Renato Salvatori, Gabriella Giorgelli, Folco Lulli, Bernard Blier, Raffaella Carrà, François Périer, Vittorio Sanipoli, Mario Pisu, Kenneth Kove, Annie Girardot, Edda Ferronao, Anna Di Silvio, Roberto Diamanti (2), Elvira Tonelli

Na Itália, no século 19, um empobrecido professor aristocrata (Mastroianni) lidera grupo de funcionários de uma empresa têxtil na luta por melhores condições de trabalho.

A história se passa em Turim, grande centro industrial da Europa (é cidade sede da montadora de automóveis Fiat), e nos conta a vida de centenas de operários de uma fábrica

têxtil. Submetidos a uma extenuante jornada de trabalho de 14 horas, os operários saíam de casa "com os filhos dormindo e voltavam quando eles já estavam dormindo de novo". Era comuns acidentes devido à falta de atenção provocada pela fadiga. É então que chega a cidade um "professor" chamado Sinigaglia (*Marcelo Mastroianni*), participa por acaso de uma das assembleias do "Comitê" e já então se destaca por suas boas ideias e espírito de organização acima da média entre os operários, e é eleito conselheiro do "comitê". Quadro vivo do início das organizações sindicais, *Os companheiros*, nos mostra que a classe trabalhadora vai aprendendo com a sua própria experiência.

Referências

- CASTRO, A. M-F. E. *Introdução ao pensamento sociológico*. São Paulo: Centauro, 2001.
- COSTA, C. *Sociologia – introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997.
- LOWI, M. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- MARTINS, C. R. *O que é sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- QUINTANERO, T. *Um toque de clássicos*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- RIBEIRO, Jr., J. *Augusto Comte e o positivismo*. Campinas: Edicamp, 2003.
- ROCHER, G. *Sociologia geral*. Vol. 2. Lisboa: Presença, 1970.
- SEGA, R. A. Ordem e Progresso (A filosofia de Augusto Comte inspirou o estabelecimento do Brasil Republicano). *Revista Historia Viva*, n. 5, mar. 2004
- TOMAZI, N. *Iniciação à sociologia*. São Paulo: Atual, 1993.